Perdoa-me por me traíres

Tragédia de costumes em três atos (1957)

Nelson Rodrigues (1912-1980)

Adaptação e montagem de cenas da peça para
apresentação em oficina do Espaço dos Satyros
por Helder da Rocha
Junho de 2004

Personagens e elenco:

NAIR.....*Stephanie* _____
GLORINHA.....*Daniela Mustafci*
MADAME LUBA.....*Helder da Rocha*
DR. JUBILEU ..... *David Torrão*
ENFERMEIRA..... *David Torrão*
MÉDICO .....*Helder da Rocha*

Cena 1 – Casa de Madame Luba

(Nair e Glorinha estão na porta de Madame Luba, ambas vestidas de colegiais, meias curtas, cabelo rabo-de-cavalo, pasta debaixo do braço. Glorinha vacila e a outra insiste.)

1 NAIR – Vem ou não vem?

1 GLORINHA – Tenho medo!

2 NAIR – De quem? Medo de quê?

2 GLORINHA – Sei lá! *(mudando de tom)* E se meu tio sabe?

3 NAIR – Mas ele não vai saber! Saber como? *(baixa a voz)* Só esta vez, está bem?

(Nair e Glorinha entram na sala de Madame Luba. Madame, que está fora de cena no momento em que entram na sala, percebem que as duas entraram e vêm ao seu encontro.)

1 MADAME LUBA – *(melíflua)* Nair! Como vai, Nair?

4 NAIR – Bem. E a senhora?

2 MADAME LUBA – Eu sempre vou muito bem. Nunca ter uma dor de dentes...

5 NAIR – Trouxe-lhe aqui...

3 MADAME LUBA – Oh, sim, seu colega de colégio! A Glorinha! Por que não sentam? Eu não quere cerimônia para meu casa. Querem biscoitos? Aceitem um licorzinho! *(para Glorinha)* Glorinha... eu podia ser seu mãe!

3 GLORINHA – Eu tenho que ir, Madame! Estão me esperando...

6 NAIR *(para Madame)* – Ela quer, depois não quer!

4 MADAME LUBA – Eu compreendo, mas não precisa ficar nervosa... Não é bicho-de-sete-cabeças... E tome seu licorzinho... Eu não obriga ninguém... No meu casa tudo espontâneo...

4 GLORINHA *(põe o cálice em qualquer lugar)* – Então, já vou, sim?

5 MADAME LUBA – *(levantando-se)* – Um momento!

6 GLORINHA *(perturbada)* – Não posso madame. Meu tio...

7 MADAME LUBA *(erguendo a voz com inesperada autoridade)* – Senta menina! Você fedelha, eu não ser criança!

5 GLORINHA *(chorando)* – Madame, se meu tio me pega aqui ele me mata a pauladas.

7 NAIR *(furiosa)* – Sua burra, pelo menos escuta! Olha. Tem um deputado aí que é tarado, maluco por ti. Um mão aberta! E é vizinho teu.

6 GLORINHA *(desesperada)* – O que? Você está maluca? Bebeu? *(trincando os dentes)* Nem vizinho, nem parente! *(gritando)* Nunca!

8 MADAME LUBA *(encolerizada)* – Não grita! No meu casa só eu grita! Oh, tu não tem vida! Chama o tio dessa menina! Chama o tio! Telefone!

7 GLORINHA *(apavorada)* – Não! *(olhando para Nair como num apelo, depois soluçando)* Eu faço! Mas devo fazer o que? Afinal, nem sei!

8 NAIR *(aliciante)* – É simples somo água. Basta você ser camarada do homem e nada mais. Te juro que não vai ter conseqüência nenhuma. O velho nem se agüenta de pé.

9 MADAME LUBA – Leva o menina até o quarto, Nair!

(Nair conduz Glorinha até o quarto do Dr. Jubileu)

Cena 2 – Glorinha e o Deputado Jubileu de Almeida

(Glorinha obedece, mas não olha para o Dr. Jubileu. Soluça de cabeça baixa)

1 DR. JUBILEU – Enxuga essas lágrimas e vamos conversar. Pode usar o meu lenço. Está limpo *(entrega o lenço a Glorinha)* Promete que não chora mais? Promete?

8 GLORINHA – Prometo.

2 DR. JUBILEU – Assim é que eu gosto. E uma coisa: sua mamãe ainda vive?

9 GLORINHA – Minha mãe matou-se! Quando eu tinha dois anos. Meu pai, então, enlouqueceu de desgosto e meu tio tomou conta de mim.

3 DR. JUBILEU – Ora veja! *(passa a mão pelos cabelos de Glorinha) (começando a ofegar)* Quer dizer que você nem conheceu sua mamãe... *(exaltando-se e já sem controle das próprias palavras)* Mas deve ter retratos, lembranças! *(agarra-se a Glorinha)*

10 GLORINHA – O senhor está me apertando!

(Não há a menor conexão entre o que o Dr. Jubileu diz e o que o Dr. Jubileu faz.)

4 DR. JUBILEU – Sabe datilografar? Te arranjo um lugarzinho, sim, arranjo. Mas olha: não repare no que eu disser não... *(súbito põe-se a berrar como um possesso, fora de si)* As duas modalidades de eletrização que podemos observar nos corpos correspondem às duas espécies de carga elétrica encontradas no átomo! *(mudando de tom, num apelo soluçante)* Não se mexa: fique assim!

11 GLORINHA *(num repelão selvagem)* – Me largue! O senhor está maluco!

5 DR. JUBILEU *(arrasta-se de joelhos e, de joelhos, a escorrer suor, persegue a pequena)* – Não interrompa! Não me interrompa!

12 GLORINHA *(enfurecida)* – Velho gagá!

6 DR. JUBILEU *(num enorme lamento)* – Eu não posso ser interrompido!

13 GLORINHA *(num berro)* – Não quero! Tenho que ir! Se meu tio sabe que estou aqui, que estou aqui...

7 DR. JUBILEU – Seja boazinha! *(segura-a pelos dois braços e berra convulsivamente)* Vamos que o núcleo do átomo se apresenta.... ai... ai... ai... se apresenta constituído de prótons... O núcleo do átomo... OH... O núcleo do átomo... constituído de prótons... *(cai de joelhos e entra em êxtase)*.

(Glorinha aproveita e desprende-se num repelão selvagem. O acorda e persegue-a, trôpego, nos seus apelos frenéticos.)

14 GLORINHA – Sujo! Indecente! *(enquanto foge do deputado.)*

8 DR. JUBILEU – Escuta: eu te falo de longe! Não me aproximo, juro! Essa coisa que eu falo é um simples ponto de Física, compreendeste? Eu tenho que dizer um ponto de física ou não sou homem, não sou nada!

(Escuro. Glorinha dirige-se ao palco onde está Nair. Está apressada. Quer ir embora.)

Cena 3 – Nair e Glorinha

9 NAIR – Espera!

15 GLORINHA – O que que há?

10 NAIR *(crispa a mão no braço de Glorinha)* – Tenho uma bomba para ti!

16 GLORINHA – Pra mim?

11 NAIR – E vais cair dura para trás. Dura!

17 GLORINHA – Diz logo!

12 NAIR – Estou grávida!

18 GLORINHA *(estupefata)* – Mentira!

13 NAIR – Dois meses.

19 GLORINHA – Tua família sabe?

14 NAIR – Isola!

20 GLORINHA – Vais tirar?

15 NAIR – Depende de ti.

21 GLORINHA – Como depende de mim?

16 NAIR – Você sempre me disse que achava a morte de tua mãe linda. Terias coragem de morrer como tua mãe? Mas comigo, em minha companhia, nós duas abraçadas?

22 GLORINHA *(com pungente espanto)* – Morrer contigo?

17 NAIR – É que eu não queria morrer sozinha, nunca. E eu não precisaria tirar o filho, não precisaria fazer a raspagem. Não queres?

23 GLORINHA *(num protesto feroz)* – Não! *(transida de medo)* Tenho medo.

18 NAIR – Tens medo de tudo!

24 GLORINHA *(fremente)* – De tudo, e principalmente do meu tio Raul! Tenho mais medo do meu tio do que da morte *(agarra-se a Nair)* É ele que me impede de morrer contigo... Na Madame Luba só pensava nele... *(num terror)* Já vou!

19 NAIR – Não vai! Fica comigo. Vai ao médico comigo! Tenho medo da dor e posso morrer, não posso? *(sôfrega)* Dizem que o perigo é a perfuração, o perigo. Oh meu Deus *(selvagem)* Te chamei para morrer comigo e não quiseste! *(de novo suplicante)* Se eu morrer, quero que tu me beijes, apenas isto: quero ser beijada: um beijo sem maldade, mas que seja beijo! Pelo menos isto, não custa!

25 GLORINHA *(subitamente doce, depois de uma pausa)* – Irei contigo! Te levarei. *(dirigem-se ao consultório do médico)*

Cena 4 – Consultório médico

(A Enfermeira está do lado de fora, guiando os pacientes. Glorinha e Nair aproximam-se da entrada. O médico aparece, chupando tangerina e expelindo os caroços.)

1 MÉDICO – Vamos entrar!

1 ENFERMEIRA *(para ele)* Pessoal de Madame Luba! *(para Nair)* Por aqui, meu anjo.

2 MÉDICO *(para Glorinha, enquanto Nair posiciona-se na mesa)* – Se se impressiona com sangue é melhor não assistir.

(O médico inicia o procedimento)

20 NAIR *(num soluço)* – Eu não quero ver o meu próprio sangue, doutor! *(de repente, grita)* Não, doutor, não!

3 MÉDICO *(com irritação)* – Ah, minha filha, você vai ter a santíssima paciência, mas a Madame não autorizou anestesia! Apanhe um lenço e prenda nos dentes para não gritar. *(para Glorinha)* Dá um lenço a ela!

21 NAIR – Não posso mais!

26 GLORINHA *(dá o lenço, baixo, ao ouvido de Nair)* – Morde o lenço! *(para o médico)* Há perigo doutor?

4 MÉDICO *(irritado)* – Não amola! E que é que está fazendo aqui? Desinfeta, vamos, cai fora. Cai fora!

27 GLORINHA – Já vou sim, vou...

22 NAIR *(meio delirante)* – Não! Não! Volta Glorinha... Não quero ficar só...

(Glorinha recua, de frente para Nair, até a porta.)

28 GLORINHA *(antes de sair, e com certa fascinação)* – Quanto sangue!

23 NAIR *(delirante)* – Quem me beijará quando eu morrer?

5 MÉDICO *(num berro)* – Não fala em morte!

24 NAIR *(delirante)* – Quero que, lá em casa, continuem pensando que sou virgem...

6 MÉDICO *(fora de si)* – Ou você pára ou te bato na boca!

2 ENFERMEIRA – *(baixo)* – Chamo a assistência?

7 MÉDICO *(atônito, deixando o que está fazendo)* – Que piada é essa?

3 ENFERMEIRA – Acho melhor chamar.

8 MÉDICO *(num berro)* – Está de porre?

4 ENFERMEIRA *(violenta)* – Não grita! *(mais calma)* E se ela morrer?

25 NAIR – Morre comigo, Glorinha...

9 MÉDICO – *(arquejante)* – Aqui todo mundo fala em morte. *(para Nair, histericamente)* Você não pode morrer no meu consultório! *(para a Enfermeira)* Imagine! Eu me sujar por causa de uma prostitutazinha!

26 NAIR – Não quero morrer só... Doutor me salve, doutor!

10 MÉDICO – Esta bestalhona não pára de gemer! *(para a Enfermeira)* Põe gaze, entope isso de gaze!

27 NAIR *(num gemido de homem)* – Glorinha me paga...

(Assombrado diante do destino, o Médico está falando com uma calma intensa, uma apaixonada serenidade.)

11 MÉDICO – Mas não adianta gaze, nem Pronto Socorro, nada!

28 NAIR – Não posso mais... Glorinha... vamos morrer... nós duas... Glorinha...

12 MÉDICO – *(tem nova explosão, berrando)* – Mas isto nunca aconteceu comigo, nunca! Não sei como foi isto *(para a Enfermeira)* Vai, reza! Anda, reza. Pelo menos isto, reza!

(A Enfermeira cai de joelhos, une as mãos no peito.)

13 MÉDICO *(berrando)* – Não rezas?

5 ENFERMEIRA – Estou rezando!

14 MÉDICO *(enfurecido)* – Mas não reza só para ti! Pra mim também! Eu quero ouvir! Anda! Alto! Reza, sua cretina!

(A Enfermeira erque-se e rompe a cantar um ponto espírita. O médico soluça.)